



Licenciatura em
**ARTES
VISUAIS**
com ênfase em
DIGITAIS

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia

ARTE NEGRA NA CONTEMPORANEIDADE: UM LUGAR DE CRÍTICA.

Cláudio Alves Damascena

Vitória da Conquista – Ba
2018



CLÁUDIO ALVES DAMASCENA

ARTE NEGRA NA CONTEMPORANEIDADE: UM LUGAR DE CRÍTICA.

Monografia apresentada junto à Unidade de Educação a Distância e Tecnologia – EADTec/UFRPE como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientador(a): Prof^a M. Sc Marluce Vasconcelos de Carvalho.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Cláudio Alves Damascena

Arte negra na contemporaneidade: Um lugar de crítica.

Monografia apresentada junto à Unidade de Educação a Distância e Tecnologia – EADTec/UFRPE como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Aprovada em 15/09/2018

Banca Examinadora:

Profª M. Sc Marluce Vasconcelos de Carvalho - UFRPE
Orientador(a)

Nome do(a) examinador(a) (sigla da instituição)
Examinador(a)

Nome do(a) examinador(a) (sigla da instituição)
Examinador(a)

DEDICATÓRIA

DEDICO este trabalho a DEUS por ter me iluminado e dado sabedoria para enfrentar toda esta jornada.

DEDICO a todos meus FAMILIARES e AMIGOS, pela ternura e compreensão de minha ausência para que eu pudesse realizar mais este sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que sempre proporciona grandes oportunidades em minha vida.

A minha mãe Sueli e demais familiares e amigos, pela compreensão, amor e pelas palavras de encorajamento.

A minha orientadora Marluce Vasconcelos, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

A todos os professores que se tornaram amigos no decorrer do curso, em especial a Felipe, Wagner, Núbia e Maria do Alivio pela dedicação e orientação.

Por fim, agradeço aos colegas de classe no qual tivemos momentos de amizade e apoio que contribuíram para o meu êxito.

EPÍGRAFE

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar. ”

(Nelson Mandela)

RESUMO

A presente pesquisa é devido a percepção do pouco reconhecimento que a arte negra tem em nosso país, nela é apresentado artistas negros como Tiano, Alberto Pereira e Rosana Paulino, artistas visuais que conseguiram romper com a barreira criada pelo racismo e ganharam visibilidade no cenário artístico na cidade de Vitória da Conquista. A proposta teve o objetivo de analisar os temas e questionamentos presentes nas obras de Tiano, assim com a influência da arte e da cultura africana no Brasil. De maneira que observamos ao final da pesquisa que grande parte da população brasileira pouco aceita os traços negros presentes em nossa cultura, acarretando um preconceito em relação as artes produzidas no Brasil. Um dos grandes motivos que levam a baixa aceitação da arte negra é devido limitada valorização da Cultura Afro-brasileira e africana na educação básica. Não promovendo a divulgação da riqueza cultural deixada pelos nossos ancestrais negros.

Palavras-Chaves: Arte; Afro-brasileira; Preconceito.

ABSTRACT

The present research is due to the perception of the little recognition that the black art has in our country, in it is presented black artists like Tiano, Alberto Pereira and Rosana Paulino, visual artists who have managed to break with the barrier created by the racism and gained visibility in the artistic scene in the city of Vitória da Conquista. The purpose of the proposal was to analyze the themes and questions present in the works of Tiano, as well as the influence of African art and culture in Brazil. So we see at the end of the research that a large part of the Brazilian population does not accept the black traits present in our culture, leading to a prejudice in relation to the arts produced in Brazil. One of the great reasons that lead to the low acceptance of black art is due to the limited appreciation of Afro-Brazilian and African Culture in basic education. Not promoting the dissemination of cultural wealth left by our black ancestors.

Keywords: Art; Afro-Brazilian; Preconception.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1.OS NEGROS NO BRASIL: um breve relato.....	12
1.1 A cultura e a arte negra no Brasil.....	13
2. A INFLUÊNCIA DA ARTE E CULTURA AFRICANA NO BRASIL	16
2.1 O artista negro nas Artes Visuais.....	19
3. ARTISTAS NEGROS, CONTEMPORÂNEOS: SUAS CRIAÇÕES E TEMÁTICAS.....	23
3.1 Diálogos recíprocos nas obras dos artistas.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34
ANEXO 1- Entrevista realizada com o artista Tiano Vilarino.....	37

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é sobre a produção artística do artista negro na contemporaneidade. Trata-se de uma pesquisa que identificou alguns artistas que estão na mídia, objetivando observar as questões que esses artistas abordam e as conexões dos seus trabalhos com os traços e expressões de sua ancestralidade.

Ao longo dos meus estudos no curso de Artes Visuais Digitais, por meio de diversas disciplinas percebi que a arte do artista negro é pouco conhecida em nosso país. De maneira que passei a pesquisar quais os artistas que ocupam um espaço no cenário artístico nacional. Contudo como modo de delimitar a pesquisa tendo em vista uma série de questões, principalmente relativas ao tempo de execução e aprofundamento desta, demarcamos o estudo a partir do lugar em que vivo, Vitória da Conquista e sobre a poética de um artista local.

No percurso desse trabalho tive a oportunidade de conhecer alguns artistas negros representantes da pintura local, que atuam não só no meio artístico, mas também social. Artistas como Edméa de Oliveira, que além de pintora, poetisa é também professora atuante nas regiões periféricas, que fortalece as relações das crianças para o campo artístico. Messias Bispo, outro artista plástico conquistense, que possui mais de três mil obras espalhadas pelo mundo. Seu estilo muito particular mistura o colorido do Nordeste com a geometria presente no movimento cubista. Outro forte representante local é Romeu Ferreira, poeta e pintor, que retrata a cultura africana e indígena regional.

Porém, a minha escolha foi por Tiano, Cristiano Vilarino, por sua obra fazer parte do meu cotidiano, pois sua expressão está presente em diversos cantos de Vitória da Conquista, especialmente nos meus lugares de trânsito. A arte de Tiano enriquece a vida do povo de Conquista não somente pelos seus desenhos coloridos, em grande dimensão, nos muros da cidade, mas pelas várias temáticas que ele aborda, principalmente sobre a cultura popular, que convidam o expectador, o cidadão passante a fazer leituras sobre si e sobre o mundo em que vive. Assim, a minha proposta de pesquisa teve como objetivo analisar os temas e questionamentos presentes nas obras de Tiano e tentar observar os diálogos

existentes com outras obras de outros artistas negros, exemplificados por Alberto Pereira e Rosana Paulino.

Neste sentido, verifiquei a necessidade de iniciar o meu trabalho historiando, de forma breve, as origens do povo africano no nosso país para compreender não somente a pouca valorização do seu trabalho artístico, mas a fim de compreender suas trajetórias artísticas e o sentido de seus posicionamentos diante a vida. Além deste capítulo, dois outros trazem uma abordagem sobre a influência da arte e da cultura africana no Brasil e os artistas negros, contemporâneos: suas criações e temáticas.

1 OS NEGROS NO BRASIL

Para conhecermos um artista negro faz-se necessário buscar a sua africanidade brasileira. Pois os navios negreiros, que se descolaram da África até o território brasileiro, trouxeram não só as pessoas que seriam escravizadas, mas também a sua essência com seus hábitos e costumes.

A partir do momento em que os portugueses motivados pelas suas ambições em explorar as terras brasileiras sentiram a escassez de mão de obra no período colonial, decidiram importar escravos. Pessoas estas que eram trazidas, em geral, da África do Sul, através de navios negreiros em condições subumanas as quais eram submetidos, fariam compreender que as condições da escravidão os equiparava a mercadorias como em condições degradantes de acomodação, saúde e higiene. Muitas pessoas saíram de seus lares, para serem exploradas em terras brasileiras. De acordo Graham (2002) um grande número de pessoas negras que se firmaram em solo brasileiro, passou a compor a população do país.

É estimado que cerca de quatro milhões chegaram no curso de três séculos. Comparados com cerca de 560 mil transportados para a América do Norte britânica, o tráfico para o Brasil, representa quase 40% de todos os escravos vindos da África. Os engenhos de açúcar da Bahia e Pernambuco permaneceram como o principal destino dos escravos até 1700, mas alguns foram para outros lugares. (GRAHAM, 2002, p.124).

A Quantidade de negros é um dado especulativo podendo ser superior a quantidade citada, pelo fato, à época, de ser difícil estipular uma quantidade precisa e, tendo em vista outros navios clandestinos terem aportados aqui no Brasil. Além disso, essa exploração ocorreu há quase três séculos, de 1550 até meados de 1888, em que muitos dados foram perdidos.

É importante ressaltar que o foco dos escravos era para trabalhos braçais, nas quais exigiam maiores esforços. Segundo Júnior (2012) o tráfico de escravos e a escravidão no Brasil se constituiu como um dos principais pilares da economia brasileira, conseqüentemente interferindo em outras esferas do país. Mesmo que no século XIX tenha ocorrido à abolição da escravidão, esse tipo de mão de obra ainda se mostrava representativa quantitativamente na população brasileira.

O período da escravatura constituiu uma sólida base econômica, além de influenciar na formação cultural do Brasil, devido a elevada quantidade de pessoas

negras presentes. De acordo Darcy (2015, p. 87), “o negro teve uma importância crucial, tanto por sua presença como massa trabalhadora que produziu quase tudo que aqui se fez, como por sua introdução sorrateira, mas tenaz e continuada”.

Graças a miscigenação das civilizações, passou então o Brasil possuir uma riqueza imensurável nas áreas da música, da culinária, das artes, dos esportes e etc. Mais tarde contribuindo para o mundo das artes, dos esportes, da política e em outros seguimentos.

1.1 A cultura e a arte negra no Brasil

A palavra cultura, possui diversos conceitos, mas irei descrever a palavra cultura como: todo conhecimento, tradição, sentir, agir de um determinado grupo de pessoas. Logo, de acordo o pensamento iluminista: “A cultura é a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada como totalidade, ao longo de sua história” (Cucho, 2002, p.21).

O convívio diário com povos negros, indígenas e brancos que estiveram presentes desde a formação do Brasil foi responsável para compor a cultura brasileira que conhecemos hoje. Culinária, vestimentas, religião e a representação artística negra, que compreende a música, a dança, mas também a escultura e pintura, são parte do nosso patrimônio cultural.

Em relação ao povo negro, é importante ressaltar que a mestiçagem foi decorrente primeiramente da dominação e exploração sexual dos homens brancos sobre as mulheres escravizadas podendo variar entre negras ou índias, em que os frutos dessa exploração ainda eram considerados escravos. Vale frisar que estudiosos como Corrêa (1996) e Ribeiro (2015) deixaram claro a ideia da miscigenação foi uma tentativa de branqueamento da pele, uma tentativa de construir uma civilização com pele mais clara a ponto de torna-los o mais próximo das características europeia.

Essa mestiçagem decorre também nos sentidos culturais, apesar das culturas negras ou indígenas serem consideradas irrelevantes. No início do século XIX, todas as manifestações, rituais e costumes dos povos africanos eram consideradas

proibidas, pois não faziam parte do universo cultural europeu e não representavam sua prosperidade. Eram vistas como retrato de uma cultura atrasada. (Portal Brasil, 2017, on-line).

Os ensinamentos ainda eram passados pelos pais das crianças, resultando então em uma miscigenação cultural desde cedo, que era vista por meio do uso de talheres nas refeições, determinadas vestimentas e educação religiosa cristã, que os mais jovens passaram a ter. Surge, então, uma identidade mestiça. De acordo Darcy Ribeiro retrata: Darcy Ribeiro (2015. P. 453):

Nós, brasileiros, somos um povo em ser, impedido de sê-lo. Um povo mestiço na carne e no espírito, já que aqui a mestiçagem jamais foi crime ou pecado. Nela fomos feitos e ainda continuamos nos fazendo. Essa massa de nativos oriundos da mestiçagem viveu por séculos sem consciência de si, afundada na ninguendade. Assim foi até se definir como uma nova identidade étnico-nacional, a de brasileiros. (RIBEIRO, DARCY, 2015 p.453)

Assim como foi difícil o reconhecimento dessa identidade mestiça, mulata, a sua cultura e expressão artística também era menosprezada. As referências nas artes, por exemplo, eram oriundas da Europa. Desprezava-se, portanto, as produções com características africanas.

Porém, alguns estudos foram realizados no século XX, atestaram a existência formas da arte afro-brasileira, de objetos antigos representando os candomblés. De acordo com Mariano Carneiro da Cunha, repórter e fundador do jornal “A província” em Pernambuco em meados de 1870 que fez a seleção desses objetos, isto representaria uma tradição escultórica africana no Brasil, conforme sua publicação em: “Arte Afro-brasileira” em 1983. Trata-se de um conjunto escultórico relativo ao “Candomblé gêge-iorubano”, que deu origem ao artigo pioneiro de Nina Rodrigues em 1904, “As belas-artes nos colonos pretos no Brasil: a escultura”. (Salum, 2017).

Fig. 1 - Escultura em madeira: Orixá do Trovão da Nigéria. Obra executada por Lamidi Olonade Fakeye (1928–2009)



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Xang%C3%B4#/media/File:%22God_of_Thunder%22_-_NARA_-_558881.tif

Nenhuma outra produção artística sobre as matrizes africanas havia ganhado maior destaque, pois ainda no século XX observava-se um discurso contínuo em relação à desvalorização em todas as produções não só culturais, mas, também artísticas. Exemplo desse desprestígio aconteceu com o artista plástico, dramaturgo, ator e escritor Abdias do Nascimento, que em 1976 foi impedido de apresentar o seu *paper*, na Nigéria cujo tema abordava o preconceito com a cultura e a arte negra no Brasil.

Abdias do Nascimento publica o livro *Genocídio de um Negro Brasileiro*, em que discute sobre o impedimento de sua apresentação relacionado ao tema, como forma de expor a realidade do preconceito no Brasil. Nascimento retrata em sua obra as grandes dificuldades que as pessoas negras têm de se desenvolver intelectualmente e socialmente, seja pelas condições sociais ou pela falta de oportunidade em todas as esferas. Além disso as produções com temáticas africanas, literárias ou artísticas só ganham espaço se criado ou divulgado por pessoas brancas. (NASCIMENTO, 1978)

Ainda no século XX, as criações de origem africanas foram pouco consumidas, trazendo uma desmotivação para muitos artistas que almejavam produzir esses

temas, de origem africana ou indígenas, induzindo estes a se voltarem apenas para o que a sociedade estava disposta a consumir. Em todos os aspectos da vida, havia uma subordinação do negro ao branco. Conforme afirma Nascimento:

Tradicionalmente se espera que os negros sejam gratos aos brancos e que agem como patronos e benfeitores deles; também se espera que os negros continuem aceitando os brancos como os porta-vozes oficiais da nação, explicando aos estrangeiros a natureza "única" das relações raciais brasileiras. A etiqueta decreta também que os sofismas oficiais usados para descrever a situação brasileira como uma "democracia racial" sejam aceitos sem discussão, enquanto a análise crítica ou a discussão aberta deste delicado assunto são fortemente desencorajados. (NASCIMENTO, 1978 p.32).

Ainda de acordo Nascimento, a arte era depreciada e não havia reconhecimento do talento do artista negro. Assim como sofreu na tentativa em apresentar a sua palestra, ele nos fala sobre o sistema perverso do colonialismo em que colocava o negro como uma figura a margem da sociedade. Logo, Nascimento comenta:

Sendo a arte um ato de amor, ela implicitamente significa um ato de integração humana e cultural. Um ato praticado rumo a uma civilização continuamente reavaliada, recriada e compartilhada por toda a humanidade. [...] O que tem sido e o que é a arte negra no Brasil? Devo dizer inicialmente que o processo da arte negro-brasileira tem sido, na essência, o mesmo observado em outros países do novo mundo onde existiu a escravização dos africanos. Há pequenas diferenças nos detalhes, influenciadas pelas diferenças históricas de cada país, porém a violência inerente ao sistema escravagista iguala a experiência histórica de todos os negros no continente das três Américas. Nestas, os poderes coloniais articulam a proscrição do poder criativo do africano através da desumanização semelhante àquela por eles aplicada no próprio Continente Africano. (Nascimento, 1978 p.173)

No livro de Nascimento, citado anteriormente, ele faz uma crítica o fato da cultura negra ser considerada de valor mínimo enfatizando que a razão disto está no preconceito relacionado às matrizes da cultura de africana.

2 A INFLUÊNCIA DA ARTE E CULTURA AFRICANA NO BRASIL

Nas produções artísticas africanas é possível perceber um valor utilitário que vai além da estética ou da mera representação material. Nas senzalas onde ocorreram as primeiras representações dos negros no Brasil, estudiosos perceberam a presença da essência religiosa, com finalidade de cultuar os seus deuses, resgatando as tradições que as novas gerações não tiveram contato e compartilhar de seus pensamentos e filosofias. Um dos pontos relevantes e que

devemos levar em consideração é a presença da diversidade cultural. De acordo Pereira:

No que tange às culturas afrodescendentes, é importante aprendê-las dentro do princípio da diversidade, já que, em função dos diferentes grupos culturais africanos que aportaram no território brasileiro, se desenharam aqui modelos diferenciais de culturas afrodescendentes. (PEREIRA, 2017; p. 59)

A cultura africana é diversa devido a confluência das várias tribos, oriundas de várias partes do continente Africano.

A arte, especificamente, as pinturas dos povos africanos também representam o transcendental, o sagrado. Com características particulares como o uso das formas, cores quentes e a presença de símbolos, as pinturas se destacam por suas características cubistas.

As cores que identificam a África são fortes e vibrantes como o marrom, vermelho escuro, amarelo ouro, verde, azul e preto. As vestimentas africanas compõem-se, em geral, de estampas grandes e vistosas com predominância das formas geométricas. Essa influência consiste numa referência às cores do ambiente africano em que existem lugares secos com a presença de forte sol e paisagem árida, além da busca do divino pela sua religiosidade ancestralidade.

Na arte africana, a criação de um objeto não tem a finalidade apenas decorativa, expressa também, uma mensagem e identifica a cultura de uma determinada tribo. Nas pinturas e esculturas, a presença da figura humana caracteriza a preocupação desse povo com os valores étnicos, morais e religiosos. A escultura foi uma forma de arte muito utilizada pelos artistas africanos. Para a construção dessas esculturas usavam-se matérias primas como o barro, bronze, marfim. Nessas produções acreditava-se que podiam afastar os maus espíritos, assim como nas pinturas a presença de rostos que eram expostos em locais da casa, tinham a mesma finalidade.

Fig.2 Máscara do século XVI, Nigéria, Edo, Corte de Benin, marfim, Metropolitan Museum of Art



Fonte: <https://colegiomaterchristi.com.br/dicas-aluno/mascaras-africanas/>

Uma técnica muito presente na cultura africana é o batik, técnica que consiste no tingimento com o auxílio de ceras, nas quais as partes que contém a cera não são tingidas prevalecendo então as cores nas outras regiões seja do tecido, papel ou tela. Essa técnica foi criada na Indonésia passando a ser conhecida e usada no continente africano devido a beleza que resulta dos seus efeitos.

As pinturas africanas representavam a simbologia da cultural local, mas também servia para a identificação de tribos, considerando então como identidade de cada tribo pelo uso de uma cor específica ou traços e não só relacionado a algo decorativo.

É interessante frisar que os movimentos artísticos das vanguardas europeias tiveram grande influência das produções artísticas africanas. As esculturas e máscaras africanas influenciaram a pintura de Pablo Picasso, artista espanhol, que viveu muitos anos na França. Esse artista, em 1907, produziu o quadro *Les demoiselles d'Avignon*, onde, na composição, se vê a presença das formas geométricas e deformações plásticas nas máscaras.

Apesar da arte trazida da África ser considerada como primitiva ou inferior, pelo Ocidente, com o passar dos anos foi ganhando o seu espaço no mundo artístico. “A descoberta da arte negra teve um impacto sobre a arte europeia semelhante ao da revolução da cultura grega na arte do Renascimento.” (JUNGE, 2004, s/p).

Com o Cubismo, movimento artístico da arte Moderna, a presença de elementos e expressões africanas se faziam presentes no mundo Ocidental, especialmente na Paris dos anos de 1907 a 1914. O cubismo tinha como principal característica estética as formas geométricas. Ele rompeu com os modelos estéticos ligados à perfeição e representação das formas idealizadas e clássicas, advindas das Escolas Renascentistas e Acadêmicas. Ao contrário disso, os cubistas decompunham e geometrizaravam as formas naturais. De acordo Pereira e Pelachin (2004, p.207) o Cubismo foi um dos movimentos históricos, “fruto de mudanças devido ao desenvolvimento tecnológico que impulsionaram uma liberdade artística nunca antes experimentada, rompendo paradigmas cultivados até o final do século XIX”.

Os artistas cubistas tentavam representar os objetos em três dimensões graças ao uso da técnica atrelada a formas geométricas, com o predomínio de linhas e retas, havendo a renúncia da perspectiva e do claro-escuro. Tais características podem ser encontradas em obras de artistas como Pablo Picasso (1881-1973), George Braque (1882-1963), Tarsila de Amaral (1886-1973), representantes estes que trouxeram a essência do Cubismo em suas obras.

2.1 O artista negro nas Artes Visuais

Percebe-se que a arte negra é pouco divulgada no Brasil, imperando apenas as produções realizadas por artistas brancos ou de locais que podemos considerar como o berço das artes, tais como os países europeus e do território norte-americano. A institucionalização da arte brasileira negligenciou o lugar dos artistas negros. Ainda que eles façam parte de toda a construção histórica do país, não são citados ou referenciados como propagadores das artes no Brasil, pelo fato do racismo institucionalizado e enraizado em nossa cultura.

Quando nos referimos às produções deixadas pelos artistas negros de gerações mais antigas só nos são apresentadas suas participações na música e na dança. Quanto às artes plásticas, existe uma grande lacuna de informação da arte negra, devido à resistência que os povos herdaram desde os anos da escravidão.

Sabemos que os negros deixaram uma extensa contribuição no campo das artes no Brasil, assim como grandes representantes que buscaram divulgar os seus

trabalhos artísticos no decorrer dos anos. Representantes como Estevão Silva nascido no Rio de Janeiro em 1844, o primeiro pintor negro que se formou na Academia Imperial Belas Artes, considerado como um dos melhores pintores da natureza morta do século XIX, suas obras também eram voltadas a temáticas religiosas e pinturas históricas, com uma característica muito presente na cultura africana, o uso de cores como o vermelho, amarelo e verde.

Os negros foram retratados como referência ao lugar. No Brasil colônia vários artistas europeus como Franz Post, Albert Eckhout e Jean-Baptiste Debret, retrataram os negros e índios, assim como a fauna e flora nativa. Porém, os negros foram representados com a finalidade de propagar, aos colonizadores, o que havia de riqueza e exótico nas terras invadidas.

A arte produzida por negros e mulatos somente conseguiu ganhar mais espaço em meados de 1776, com as produções de Aleijadinho e Mestre Valentim, representantes do barroco brasileiro. Suas obras nunca foram esquecidas e são parte do rico acervo do barroco brasileiro.

Posteriormente outros artistas surgiram, em meios a obstáculos que a sociedade ainda estabelecia em relação aos africanos. Representantes como Arthur Timótheo da Costa (1882-1922), Benedito José Tobias (1894-1963), Emmanuel Zamor (1840-1917), dentre outros, conseguiram deixar suas expressões na história da arte afro-brasileira.

É importante destacar que no momento em que a Academia Imperial de Belas Artes foi implantada no Brasil, em 1826, ocorreu uma revolução do fazer artístico, em que foram desenvolvidas as técnicas de origem francesa. Desse modo, as produções africanas como a pintura e escultura caíram no desgosto popular, tendo baixa relevância na sociedade, momento que afetou muito as produções acadêmicas relacionadas à África, acarretando obstáculos em relação a cultura afro.

Em meio a tantas resistências a arte africana teve um marco importante que se deu com período relacionado ao Modernismo no Brasil, em 1922, na chamada Semana de 22. A arte nativa do Brasil ganhou espaço nas produções da época. Os artistas buscavam na cultura nacional elementos para uma criação nativa, inspirados nos mais variados povos que constituíram o país como os índios, europeus e

africanos. Nesse período ocorreu uma troca intelectual e artística, inspirando diversos artistas como Tarsila do Amaral, Anita Malfatti dentre outros. Graças a esse momento, as produções com temáticas africanas, como retratação dos negros, as vestimentas e o cotidiano, conseguiram voltar a ser vistos pela sociedade, por meio das exposições da época. Nesse período ocorreu a identificação do negro como parte do nosso povo. As artes, agora, faziam referência aos aspectos religioso, folclórico, enfim, da cultura do negro. Neste momento as características dos negros passam a serem representados em algumas produções do momento. Conforme Munanga (2000, p.72):

A partir das décadas de 30 e 40, a arte afro-brasileira, reduzida ao espaço das casas de culto, começa a sair da clandestinidade. Seus artistas abandonam o anonimato e alguns deles começam a trabalhar dentro do conceito das chamadas arte “popular” e “primitiva”, encorajados pelo movimento modernista e pela busca do nacionalismo. Estímulos científicos e culturais tais como os dois congressos afro-brasileiros organizados respectivamente em Recife (1934) e em Salvador (1937), duas missões folclóricas enviadas ao Norte e Nordeste por Mário de Andrade em 1937-38 para coletar material e outros estudos africanistas vão contribuir para o reaparecimento de artistas e temas afro-brasileiros nas artes plásticas.

Devido a mudança nos campos das artes deixada pela semana 22, a necessidade de conhecer mais sobre as características nativas do Brasil, acarretou em pesquisas artísticas e produções que retratavam não somente as paisagens locais, o regional, o nacional, mas os grupos étnicos, dos quais o negro estava presente. Através dessas pesquisas notavam-se a conexão das cores, paisagens e elementos africanos. As formas africanas de expressar e representar o mundo e as temáticas sobrenaturais relacionadas ao sagrado, são para muitos autores ao modo de compreender e delimitar a arte-afro-brasileira. (DOSSIN,s/d)

Contudo, ainda são poucos os artistas afro-brasileiros que estão presentes no cenário das artes visuais, isso ocorre devido a marginalização do negro na nossa sociedade vinculada ao baixo poder econômico, que de acordo com Amaral:

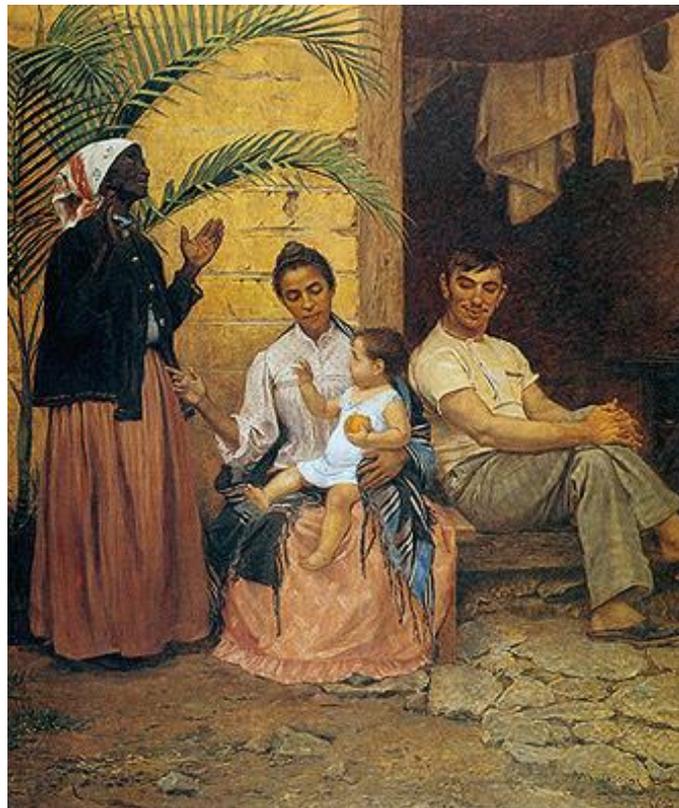
A inexistência de um maior número de artistas plásticos de origem negra é tão real quanto sua ausência nas universidades brasileiras. Dificuldade de acesso, assim como a impossibilidade de viagens, de leituras, de frequência a um meio mais cultivado, situação que em geral entre nós, continua sendo sempre privilégio de uma pequena camada da população (AMARAL, 1988, p. 247).

Amaral, expõe as dificuldades que os artistas negros têm para participarem de exposições e para divulgarem seus trabalhos, na contemporaneidade. As barreiras

de outrora parecem ser as mesmas de hoje. Reflexo disto é observado em todos os seguimentos além do campo artístico. “No mercado de trabalho, pretos e pardos enfrentam mais dificuldades na progressão da carreira, na igualdade salarial e são mais vulneráveis ao assédio moral, afirma o Ministério Público do Trabalho”. (OLIVEIRA, Tony, 2017, s/p.)

Ainda que a abolição da escravatura do Brasil tenha sido oficializada em 1888, algumas pinturas posteriores registravam os negros em momentos desumanos ou degradantes. É possível constatar isso nas pinturas do pintor espanhol, Modesto Brocos, na obra: *A redenção de Cam* (1895), na qual ele retrata a presença de três adultos e uma criança; a negra idosa é retratada como um serviçal. De acordo com Arthur de Azevedo (1895) dramaturgo poeta exprime sua opinião ao notar que mulher negra parece estar agradecendo a Deus pelo neto ser filho de um homem branco com sua filha. É evidenciado nessa obra o momento em que ocorre o clareamento da cor da pele da criança. Portanto, o que se vê nesse caso e em muitos outros são relacionamentos que favorecem um embranquecimento da população negra.

Fig. 3 Modesto Brocos, *A redenção de Cam* 1895.



Fonte: <http://historyriaeartes10.blogspot.com/2012/12/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x.html>

Em outras obras de Brocos notamos a representação do negro em senzalas, engenhos e trabalhos no campo, ou seja, o negro era sempre representado em condição inferiorizada, em trabalhos pesados e muitas vezes degradantes.

3. ARTISTAS NEGROS, CONTEMPORÂNEOS: SUAS CRIAÇÕES E TEMÁTICAS.

Onde estão os nossos artistas negros? Quem são eles? O que seus trabalhos discutem? Diante dos questionamentos é possível perceber que no cenário atual ainda falta muito a ser conquistado, pois, a arte negra ainda não é valorizada no século XXI, mesmo que no momento atual se multipliquem as discussões, em diversos fóruns, sobre o combate do racismo e respeito à diversidade em nosso país.

Porém, com a expansão do acesso às mídias, pela internet, conseguimos identificar vários artistas negros, contemporâneos, que buscam um espaço no cenário artístico brasileiro. Aqui, citaremos apenas, Alberto Pereira e Rosana Paulino em que objetivamos analisar os temas e abordagens presentes em algumas de suas obras e quais os diálogos de suas poéticas com as obras do artista Conquistense, Tiano Vilarino.

O carioca Alberto Pereira é um artista que possui um trabalho relevante. Em sua arte ele usa a tecnologia a seu favor, interferindo em obras renascentistas, barrocas e neoclássicas, do século XVI ao XVIII, por meio da colagem. Produz novas imagens a partir de referências icônicas, substituindo o personagem branco por um negro, como essa de Jorge Ben Jor, a seguir:

:Fig 4. Alberto Pereira. Série: Negro Nobre.



Fonte: <<https://inspi.com.br/2016/06/projeto-negronobre-mistura-arte-e-cultura-para-falar-de-representatividade/>>

De acordo com o artista: “Algumas pessoas comentaram que eu estava colocando pretos no lugar de opressores. Meu papel é fazer e doar. Se foi feito, está livre para interpretações. Eu quero gerar algum tipo de consciência e raciocínio sobre o que foi visto” (INSPI,s/d).

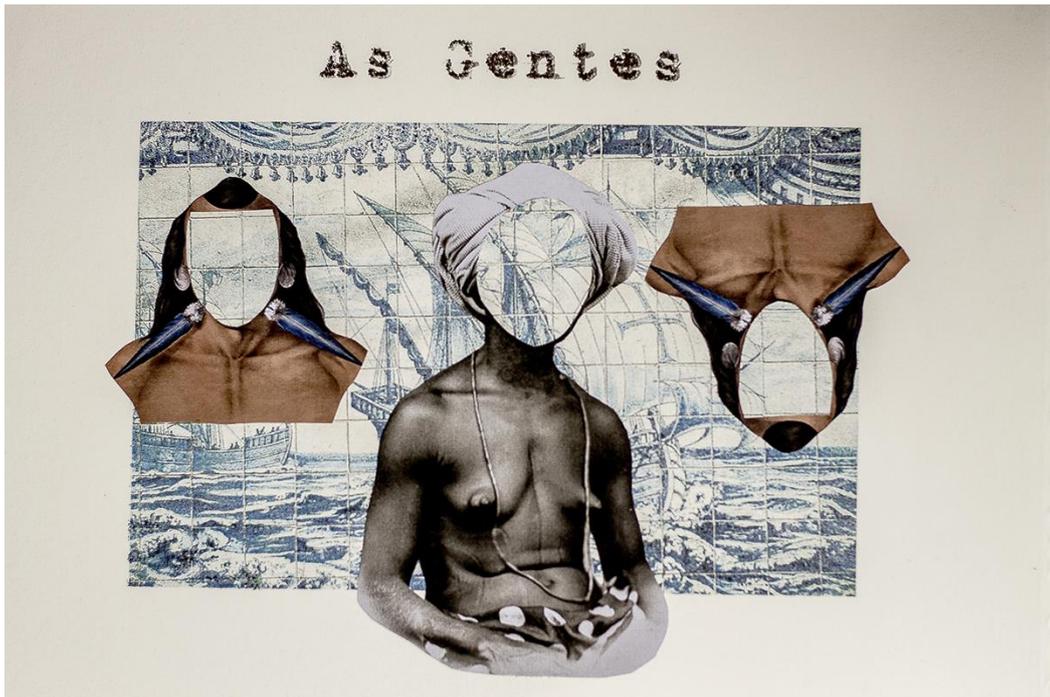
As imagens que Alberto produz expõem a realidade dos negros, em que uma minoria, para conseguir chegar a ser reconhecida passou por diversos obstáculos, como o preconceito e desvalorização dos seus trabalhos.

A artista paulistana Rosana Paulino foi outra artista que pesquisamos. Seu trabalho é sobre a mulher negra, escravizada e marginalizada até hoje em nossa sociedade.

Seu primeiro trabalho foi sobre as memórias da sua família. A partir das fotos de família a artista construiu o seu trabalho, transferindo as fotos para tecidos, por meio de costuras. A esse primeiro trabalho chamou *Parede da Memória*. Já a

produção constante na figura 5, foi parte de um livro de artista intitulado “ História Natural?”. Observa-se uma descaracterização do povo brasileiro, das etnias negra e índia, tendo em vista a colonização pelos brancos. O branqueamento do negro e do índio forçado pelo seu opressor.

Fig.5. Rosana Paulino. Livro de Artista. História Natural?, 2016.



Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/revista/922/rosana-paulino-expoe-o-racismo-enraizado-no-brasil>

Cristiano Vilarino ou simplesmente Tiano vive e trabalha em Vitória da Conquista-BA. Ele é exemplo de artista que produz para a sua comunidade e sua cidade. Por meio da técnica do grafite consegue expor suas produções embelezando a cidade.

Filho de pais artesãos, Tiano que tem apenas 27 anos, trabalha com grafite há 15 anos. Começou a se interessar por arte e artesanato desde cedo. O desenho foi a sua primeira expressão, assim como é para toda criança, porém ele persegue esse fazer até hoje, que agora se projeta por meio da grafiteagem. Desenvolve outras atividades socioculturais por meio de oficinas para crianças e adolescentes.

O grafite, expressão desenvolvida por Tiano é uma técnica presente nas cidades, sendo uma manifestação de linguagem livre, que pode retratar assuntos os mais variados como política, publicidade, paixões, obscenidades, até mensagens de alerta para a sociedade. A técnica do grafite tem relação com as pinturas em paredes, ligada diretamente ao movimento Hip Hop. Passou a ser realizada no Brasil em meados de 1970, na cidade de São Paulo, com o intuito de trazer mais cores para as ruas e deixar mensagens, principalmente de críticas político-social.

Apesar de ser uma técnica muito criticada, pois algumas pessoas acham que causa poluição visual e é coisa de vândalos, o Grafite vem tendo sua relevância na arte, reconhecida pelas qualidades estéticas e artísticas.

O grafite difere da pichação que possui uma característica relacionada ao grafar textos nas paredes urbanas, em geral locais de difícil acesso e com um alfabeto criado e recriado constantemente pelo autor. A grafiteagem se baseia em expor uma imagem onde todos tenham acesso. Um dos seus objetivos é valorizar espaços, fazendo com que as pessoas percebam novos locais, narrando ali suas mensagens ou críticas por meio da linguagem visual. Por meio do grafite os muros passam a se tornar galerias de arte a céu aberto, provando que a arte não precisa ter custo para ter o acesso a ela.

Um grande representantes do grafite que influenciou arte de Tiano foi Basquiat artista negro, norte americano, que ganhou espaço na mídia por meio da produção de seus grafites com temas voltados para a crítica política e contra o racismo.

O artista Tiano expõe suas inquietações nas paredes, assim como imagens de cunho social e político. Ele é responsável pelo projeto artístico “A voz no muro”. Esse projeto de grafiteagem, apoiado pela prefeitura de Vitória da Conquista, visa homenagear as pessoas do lugar. São pessoas que se destacam pela sua contribuição social e que fazem parte da cultura da cidade.

Fig.6 Tiano Vilarino. Mural em grafite, projeto “A voz no muro”.



FONTE: Facebook Tiano Vilarino

Fig7 Tiano Vilarino. Mural em grafite, projeto "A voz no muro".



FONTE: Facebook Tiano Vilarino

A obra acima, fig. 7, reverencia a mulher negra, baiana. A personalidade retratada por Tiano foi Dona Dió, já falecida, era conhecida pelos seus saborosos acarajés. Descendente de quilombolas, do povoado de Maria Clemência, foi a primeira baiana de acarajé da cidade. Mulher negra, digna de respeito e admiração pela sua altivez, sustentou seus 14 filhos com a venda de acarajés.

As produções de Tiano também ressaltam a cultura nordestina, pois faz referência ao cordel e a xilogravura, que embora não tenham origem nessa região, é parte da nossa tradição e cultura nordestina. Com esses desenhos, conforme verificamos nas Figs. 8 e 9, há o objetivo que, de acordo com Tiano é “levar cultura para dentro, ou seja, é a cultura na cultura, a cultura dentro da cultura”.

Fig. 8. Tiano Vilarino. Projeto “A voz do Muro”.



FONTE: Facebook Tiano Vilarino

Fig. 9. Tiano Vilarino. Projeto “A voz do Muro”.



FONTE: Facebook Tiano Vilarino

Ainda em relação aos elementos contidos nos grafites, é possível perceber uma preferência do artista por cores quentes. Aqui mesmo observamos nas três últimas imagens a predominância do vermelho, o amarelo e os tons terrosos, em que muitos elementos são destacados com o preto.

Sobre o processo criativo, Tiano diz ser a rua que tudo começa. É o seu atelier e o material para desenvolver seus temas. É na rua que as ideias surgem: “tenho que criar algo novo, algo que tenha a ver com a comunidade, crianças, idosos, aqueles que apreciam a arte, eu costumo dizer sempre isso: quem trabalha na rua, quem é grafiteiro, o nosso atelier é a rua, nosso processo criativo se baseia muito nas pessoas que estão ali em volta, é bem isso” (Entrevista concedida por Tiano ao autor, 2018).

Além disso, Tiano se preocupa com a sociedade visto que desenvolve várias oficinas artísticas em comunidades carentes e para integrantes de movimentos sociais, para adultos e crianças, ampliando o interesse e o despertar pela arte, para esse público.

3.1 Diálogos recíprocos nas obras dos artistas.

Quais são os diálogos possíveis nas obras desses artistas? De onde vem as suas referências?

A criação da artista parte de suas experiências vivenciais e, sobretudo das relações espaciais que permeiam suas memórias, que constituem um possível cenário de informações passíveis de exploração estética e formal OLIVEIRA, 2013.

Os repertórios pessoal e cultural dos artistas, suas escolhas, inquietudes e procedimentos se comunicam. Pois são artistas negros que tentam, por meio de suas diferentes poéticas, adquiridas com suas experiências, estudos e convívio com outras pessoas, conscientizar a sociedade. Neste sentido, as obras desses artistas pretendem transformar o modo de ver, de sentir e de pensar das pessoas.

Alberto Pereira empodera o negro por meio de colagens de imagens de pessoas negras, no lugar do branco dominador e opressor.

Rosana Paulino reconstrói um passado histórico sobre o sofrimento dos negros, por meio de fotografias de sua família e de fotografias de livros históricos. Ela interfere nas imagens, por meio do bordado, de recortes e sobreposições de materiais. Com esse modo de explicitar as atrocidades cometidas no passado, ela chama a atenção do público para que essas ações jamais se repitam.

Tiano, por meio de seus grafites, pretende perpetuar e resgatar a cultura popular da comunidade. Com o processo criativo, em que usa a pintura em muros das cidades ele encontra uma maneira de trazer conhecimento e se libertar das amarras presentes no território de exposição artística. Apesar das proibições dos proprietários dos imóveis particulares, há outros que consentem a produção do seu trabalho por conhecer os objetivos dos seus projetos, que se voltam para o fortalecimento das ações sociais e da promoção do pertencimento da cultura da sua comunidade.

Importante perceber que os processos criativos do grafite possuem na sua essência a ideia de coletivo, de construção coletiva e de laços de amizade, que se dão entre o artista/artistas e a comunidade em que se vive e para quem se produz.

De acordo com Cecília Salles (1990) o percurso criador passa por alguns pontos de vista: ação transformadora, movimento tradutório, processo de conhecimento, construção de verdades artísticas e percurso de experimentação. Acrescentamos, no caso dos três artistas, que há um encontro de desejos, ideias e acontecimentos, em que suas histórias, suas vidas, suas memórias estão presentes em cada trabalho.

O que há em comum entre Alberto Pereira, Rosana Paulino e Tiano é a reflexão que deixam de si, do ambiente e da sociedade em que vivem. Cada um com sua poética - processos, materiais e temas – diferentes, identificam sua ancestralidade que perpetua em suas memórias e em seus trabalhos, a vida do homem negro, escravizado e usurpado pelo branco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração que a população brasileira é composta pela miscigenação de várias civilizações como a de africanos, indígenas e europeus, em sua maioria, nota-se que a própria população brasileira, em geral, pouco aceita os traços negros presentes em seus corpos. Nega-se as suas origens. Existe a necessidade estética de transformar os sinais de uma negritude a partir de tratamentos estéticos como alisar os cabelos e vestir-se conforme a moda com influência europeia ou americana e não africana.

De modo que além dessa discriminação ocorre, também, um preconceito em relação as artes produzidas no Brasil. Poucos foram os artistas negros que conseguiram se destacar no espaço artístico, mesmo sabendo que a construção da nossa cultura foi com a participação de vários povos, inclusive dos africanos.

Por meio da pesquisa, também pudemos constatar que ainda há pouca valorização das produções artísticas, dos artistas negros. Verificamos que, apesar de um cenário artístico restrito, as barreiras para a exposição de artistas negros são grandes pois ainda há muita resistência às suas obras.

O número de artistas, escritores, pensadores e curadores negros atuantes cresceu em relação ao século passado, mas ainda comparado a quantidade de pessoas brancas esse número é muito baixo. Nas Bienais e galerias de arte, ainda é pequena a participação dos negros. Ainda bem que com a internet, alguns espaços virtuais foram criados para que os artistas expunham seus trabalhos.

As produções artísticas exploradas neste trabalho possuem um teor de reflexão crítica relacionados, especialmente ao racismo, acompanhado de uma discussão sobre o espaço do negro, da arte negra e cultura de popular periférica. Esses temas são relevantes para serem debatidos e tornados conhecidos pelos nossos estudantes.

Porém, no ensino de arte, a arte negra é pouco explorada e discutida, devido a formação dos professores de arte, que não estão prontos para essas abordagens. Essa deficiência acaba se perpetuando dia após dia e promovendo uma ideia

errônea e desconhecimento da produção e das influências da arte negra na cena artística brasileira.

Ainda que exista a Lei 10.639/2003 que propõe a obrigatoriedade e valorização do de história e Cultura Afro-brasileira e africana na educação básica é possível perceber que os profissionais que atuam na educação em sua grande maioria não foram capacitados para ministrar conteúdos relacionados aos temas

. É preciso que ocorra uma maior valorização das artes deixadas pelos nossos ancestrais negros, promovendo o enriquecimento cultural, que deve ser passado a cada geração, contribuição esta indiscutível pela riqueza dos detalhes e pela história que ela carrega.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Aracy. A busca da forma e da expressão na arte contemporânea. In: **A mão afro-brasileira : significado da contribuição artística e histórica**. São Paulo : Tenenge, 1988.

ARAÚJO, Emanuel. **A Mão Afro-Brasileira. Significado da Contribuição Artística Histórica**; São Paulo: Técnica Nacional de Engenharia S.A., 1988.

ARTE NO CONTINENTE AFRICANO. Disponível em: <<http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=331>> Acesso em: 22 fev. 2018.

BARBOSA, Márcio. **Traçado. Estudos Afro-asiáticos**, nº9, 2011 p. 50.

BOUSSO, Daniela. Desvios. 2012. In: PREMIO PIPA. Disponível em: <http://www.premiopipa.com/pag/artistas/caetano-dias/> >. Acesso em: 30 ago. 2018.

CORRÊA, M. Sobre a invenção da mulata. **Cadernos Pagu**, n.6/7, 1996, p, 37.

CARNEIRO. Maria Luiza Tucci. **O racismo na história do Brasil: mito e realidade**. São Paulo: Ática, 1998.

COMAS, Juan. **Os mitos raciais. Raça e Ciência I**. Coleção Debate, 1970.

CUCHE, Denys. **O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DOSSIN, Francielly Rocha. **Apontamentos acerca da presença do artista afro-descendente na história da arte Brasileira.** s/d. Disponível em:<http://www1.udesc.br/arquivos/porta_antigo/Seminario18/18SIC/PDF/058_Celia_Maria_Antonacci_Ramos.pdf>. Acesso em: 22 de ago. 2018.

GRAHAM, Richard. **Nos tumbeiros mais uma vez?** O comércio interprovincial de escravos no Brasil. Afro-Ásia: n.27, 2002, p.121-160.

INSPI. s/d Disponível em: <<https://inspi.com.br/2016/06/projeto-negronobre-mistura-arte-e-cultura-para-falar-de-representatividade/>>. Acesso em 30 ago. 2018.

JUNGE, Peter. **Arte da África** (catálogo de exposição). São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2004.

JÚNIOR, Caio Prado. **História econômica do Brasil**. 43° ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MIGLIANI, Maria Lídia. **Entrevista com visitantes da amostra** “Auto-retrato dentro do Jaul, no MARGS. Porto Alegre, 2011.

MOKHTAR, G. **História Geral da África**. Vol 2: África Antiga. São Paulo: Átila/Uniesco, 1983.

MUNANGA, Kabengele. **Arte afro-brasileira: o que é afinal?** In: Mostra do Redescobrimiento: arte afro-brasileira = Afro-Brazilian art (Catálogo). São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais: Fundação Bienal de São Paulo, 2000. p. 98-111.

_____. MUNANGA, Kabengele. **AFINAL O QUE É ARTE AFRO-BRASILEIRA?** Apresentação. s/d. Disponível em: <
<https://drive.google.com/file/d/0B6HFryVTHffNWjdFdC14ZWxBaDQ/edit>. Acesso em 16 ago. 2018.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de racismo mascarado. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1978. (Coleção Estudos Brasileiros, v. 30)

OLIVEIRA, Augusto Sérgio. **Matéria e poética**: uma abordagem sobre o elemento material na obra de arte. 2013. Disponível em: <
<http://www.anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/comites/pa/Sergio%20Augusto%20de%20Oliveira.pdf>>. Acesso em 30 ago, 2018.

OLIVEIRA, Tony. **Seis estatísticas que mostram o abismo racial no Brasil**. 2017, s/p. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/seis-estatisticas-que-mostram-o-abismo-racial-no-brasil>. Acesso em: 2 ago. 2018.

PAVAM, Rosane. **Rosana Paulino expõe o racismo enraizado no Brasil**. 2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/922/rosana-paulino-expoe-o-racismo-enraizado-no-brasil>>. Acesso em 30 ago. 2018.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação**. São Paulo, 2017.

PEREIRA, Helena Bonito. PELACHIN, Marcia Maisa. **Português: Na trama do texto**. Coleção Delta. Volume Único. Ensino Médio. São Paulo: FTD, 2004.

PORTAL BRASIL. CULTURA AFRO-BRASILEIRA SE MANIFESTA NA MÚSICA, RELIGIÃO E CULINÁRIA. 2017. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/editoria/cultura/2009/10/cultura-afro-brasileira-se-manifesta-na-musica-religiao-e-culinaria>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. 3° ed. São Paulo: Editora Global, 2015.

SALUM, Marta Heloísa (Lisy) Leuba. **Vistas sobre arte africana no Brasil: lampejos na pista da autoria oculta de objetos afrobrasileiros em museus**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v25n2/1982-0267-anaismp-25-02-00163.pdf>. Acesso em 06 de maio de 2018

VALLADARES, José. Djanira e a Bahia. In: VALLADARES, José. **Artes Maiores e Menores**. Salvador: Livraria Progresso, 1957

ANEXO

ANEXO 1- Entrevista realizada com o artista Tiano Vilarino, em: 08/09/2018, por meio de e-mail.

01. Como se iniciou a sua carreira em arte?

Primeira eu iniciei através dos meus pais que eles são artesões, trabalham com arte e artesanato e a partir do trabalho deles passei a ter interesse por arte. Comecei a desenhar a conhecer outros mundos da arte, até ir me introduzido no grafite através dos movimentos sociais.

02. Quais foram suas influências artísticas? Quais foram os artistas que influenciaram o seu trabalho?

O estilo que mais me influencia é Naif, a xilogravura de cordel, os artistas que mais me inspiram são Eduardo Kobra, um gênio, e o Banksy são artistas que eu admiro muito.

03. De que maneira você define esse tipo de linguagem/expressão?

Eu defino assim o grafite: como uma liberdade de expressão mais próxima da comunidade, mais próxima das pessoas, mais próximas da rua o grafite é o que está mais ligado hoje às pessoas que vivem muito na correria do dia-a-dia. Então a linguagem do grafite é o que está mais próximo das pessoas.

04. Qual foi o momento mais relevante em sua carreira?

Viver de arte é muito complicado, então, temos vários momentos de altos e baixos na cena da arte. O que nos mantém a continuar a pintar..., às vezes estamos fazendo um trabalho legal as vezes não... então varia muito.

05. Qual projeto você considera sua maior conquista na carreira até agora?

Velho, tenho dois projetos que eu considero muito importante para mim, que é o Projeto a voz do muro e o muro da Cincal (empresa que vende material para construção) onde foi 200 metros de muro, assim, para mim foi um desafio e a liberdade de expressão que eu tive na hora de criar aqueles painéis foram muito importantes, para mim o muro da cincal e u a voz do muro.

06. Quais as dificuldades que você encontrou/encontra na sua profissão/atividade?

Por o grafite ser uma arte marginalizada a gente sofre muito, todo dia sofre algum tipo de preconceito só que aos poucos vamos, tem muitas dificuldades assim.

07. Quais os momentos que você se sentiu mais valorizado como artista?

Os momentos que me senti mais valorizado é quando termino uma obra e você ver no olhar das pessoas que passam, que gostam de passar pela produção e começam a te parabenizar pelo trabalho, então, é isso! Tem uns altos e baixos, mas também

tem a valorização da própria comunidade. Ver as pessoas que estão ali, circular onde você pinta, isso que é legal. Você se comunicar com a sua arte.

08 Além do seu trabalho/atividade artística o que você desenvolve?

Eu sempre trabalhei com grafite, sempre faço grafite, minha vida circula através do grafite, desde quando assistia aula na escola, eu foco no grafite desde os meus 15 anos eu tô na rua fazendo grafite até hoje, tenho 27.

09 O que significa sucesso para você?

O sucesso para mim é a consequência do nosso trabalho, é isso. É consequência.

10 O que gostaria de partilhar com o mundo?

Quero compartilhar um pouco, transmitir através da arte um pouco de sentimento, de cor, de vida, né! Para as ruas, para as pessoas é isso eu quero compartilhar. De alguma forma cada pessoa identifica de um modo o meu trabalho, então estarei passando a mensagem da arte que eu compartilho com o mundo. Assim como penso que quero levar cultura para dentro, ou posso dizer assim, é a cultura na cultura, a cultura dentro da cultura.

11. Qual foi a sua primeira apresentação pública (exposição, etc.)?

Minha primeira exposição pública sim não me lembro muito bem, mais acredito que foi em 2008 onde eu pintei em um evento de hip hop, através do movimento social vida no trabalho numa comunidade aqui.

12. Quais foram os seus principais prêmios (caso ele site algum em momentos anteriores)?

Prêmio nunca recebi nenhum não, maior prêmio que eu recebo é quando você faz um trabalho na comunidade, sou bem recebido e sou cumprimentado isso que eu amo, ver a satisfação das pessoas, um exemplo é ali onde eu pintei o muro da Cincal. Quando eu chego no bairro eu vejo a própria comunidade já comentando, os moleques e as crianças falando: -Tiano aquele ficou legal! Isso é que é o prêmio para gente do grafite.

13. Que técnicas aprecia?

Como eu falei anteriormente eu curto muito os estilos naif a xilogravura de cordel e o realismo, são as técnicas que eu utilizo em meus trabalhos e aprecio muito.

14. Quando pintas qual artista vêm em mente?

Quando eu pinto eu costumo não pensar muito assim, mas sim focar em meu trabalho, nas cores que eu estou usando, mas sempre eu penso muito em Van Gogh. Sempre gosto muito de pensar no trabalho dele quando eu pinto, pela história de vida que ele teve através da arte.

15. Qual sua maior fonte de inspiração artística?

Minha maior fonte de inspiração a minha família minha mãe que sempre me apoia meu pai isso que é minha maior fonte de inspiração.

16. Você Desenvolve algum trabalho social a partir de suas produções artísticas?

Sempre desenvolvi um trabalho social através do meu trabalho. Eu vi o grafite através de um movimento social, então, eu sempre estou dando oficina nas comunidades onde costumo morar ou frequentar, sempre tô trabalhando com crianças estimulando o grafite a e arte nos bairros periféricos.

17. Qual o artista negro que mais influenciou em sua carreira?

Um artista negro que eu admiro pra caramba é o Basquiat, admiro bastante, ele foi um grafiteiro negro que ocupou um espaço muito importante no mundo. Eu já admiro pra caramba e me inspiro muito no trabalho dele.

18. Qual o espaço que as artes afrodescendentes tem na sociedade atual em sua opinião?

Na cultura brasileira a arte de hoje tem muita influência das raízes africanas. Então acredito que há uma grande participação. Hoje temos grandes nomes da música, da arte, esculturas, são pessoas negras né, só que passamos por uma dificuldade muito grande ainda, porque eu sou um negro que pinto e tô na rua se a dificuldade como é ser negro, pobre e ainda viver de arte é bem complicado entendeu... mas hoje o mercado, a sociedade tem uma grande participação da cultura afro, cultura feito por negros temos escultores em Conquista, conheço muitas pessoas negras que produz na música, nas esculturas. Às vezes, por questão social, uma questão histórica, não temos muito oportunidade de estar expondo os nossos trabalhos ainda.

Por exemplo, grande parte da população negra produz arte, vive de arte, vemos um exemplo dos meus pais, minha mãe que é negra e artesã, eu sou negro e vivo de arte, né? Muitos jovens hoje em Vitória da Conquista e região são negros e produzem músicas boas, pinturas excelentes, muito ricas. Eu acredito que ainda falta muito ainda para nós negros e periféricos termos um reconhecimento legal do nosso trabalho. Eu vejo várias exposições aqui em Conquista. Algumas exposições daqui são de pessoas brancas, em sua maioria, que conseguem esses espaços para expor seus trabalhos, né? Nem amigos, que eu conheço, que são negros, conseguiram, isso é uma questão histórica, né?

19. Já passou por alguma frustração? Poderia comentar sobre ela?

Já, muitas. Um exemplo que comentamos aí, um negro periférico tentando fazer uma arte marginalizada, quantos, porém, já teve portas fechadas...e eu trabalhando com grafite, que é uma arte marginalizada. Hoje até que está sendo bem aceita no mercado, está em galerias, ocupando espaços, hoje nomes da arte que está com um patamar legal como Kobra, que viaja todo o país, viaja para fora, faz trabalho em Dubai, Miami, que é um artista brasileiro que trabalha com grafite, então, a todo momento estamos passando por dificuldades e frustrações, só que temos que ser fortes e não desistir de nossa arte e nosso trabalho, levar mais cores para as ruas.

20. Conte-nos sobre o seu processo criativo.

Meu processo criativo acontece na rua, meu atelier é a rua, é onde chego, coloco meu material vejo o muro, o público em volta, as pessoas movimentando, parando, ideias surgindo, a partir desse momento eu começo a criar. Nunca que vou parar em um lugar com uma ideia pronta, porque posso estar levando uma coisa e chegar no ambiente e ver que a estética é outra, ver que aquele trabalho não vai emplacar ali, tenho que criar algo novo, algo que tenha a ver com a comunidade, crianças, idosos, aqueles que apreciam a arte, eu costumo dizer sempre isso. Quem trabalha na rua, quem é grafiteiro, o nosso atelier é a rua, nosso processo criativo se baseia muito nas pessoas que estão ali em volta, é bem isso.